



**Theo Peixoto Scudellari**

Graduado em Relações  
Internacionais e mestre em  
Ciências Sociais pela  
(UNESP).

**A ATUALIDADE DO CONFLITO EM NAGORNO-  
KARABAKH: UMA ANÁLISE DO PAPEL DO  
NACIONALISMO NAS HOSTILIDADES ENTRE ARMÊNIOS  
E AZERIS**

**THE ACTUALITY OF THE CONFLICT IN NAGORNO-  
KARABAKH: AN ANALYSIS OF THE NATIONALISM ROLE  
IN HOSTILITIES BETWEEN ARMENIANS AND AZERIS**

**RESUMO:** O conflito entre Armênia e Azerbaijão insere-se em um contexto de instabilidades na região do Cáucaso Sul, envolvendo a posse do território de Nagorno-Karabakh. Apesar do conflito armado tomar forma mais violenta em 1994, os desentendimentos são mais antigos e se desdobram em instabilidades até a atualidade. Neste sentido, o presente artigo objetiva compreender a configuração do nacionalismo e de que modo este impacta nos entendimentos sobre o conflito em Nagorno-Karabakh, não apenas sob a esfera militar, mas político-social, observando o impacto do sentimento nacionalista sobre os sujeitos englobados no conflito. Além disso, pretende-se investigar as características da instabilidade atual e como se pode analisar a expressão nacionalista recente na região. Para tanto, utiliza-se, a partir de um estudo qualitativo-dedutivo, a abordagem de Benedict Anderson sobre o conceito de nacionalismo, bem como as influências recebidas pelo autor para o “tratamento” da complexidade do conceito, inclusive considerando-se a dimensão étnica, fundamental para o caso.

**Palavras-chave:** Nagorno-Karabakh; Nacionalismo; Armênia; Azerbaijão; Benedict Anderson.

**ABSTRACT:** The conflict between Armenia and Azerbaijan is part of a context of instability in the South Caucasus region, involving the possession of the territory of Nagorno-Karabakh. Despite the armed conflict taking a more violent form in 1994, the disagreements are older and unfold in instabilities until the present. In this sense, this article aims to understand the configuration of nationalism and how it impacts on understandings about the conflict in Nagorno-Karabakh, not only under the military sphere, but also political and social, observing the impact of nationalist sentiment on the subjects encompassed in the conflict. Furthermore, it intends to investigate the characteristics of the current instability and how to analyze the recent nationalist expression in the region. For that, it uses, from a qualitative-deductive study, Benedict Anderson's approach on the concept of nationalism, as well as the influences received by the author for the "treatment" of the complexity of the concept, including considering the dimension ethnicity, fundamental to the case.

**Keywords:** Nagorno-Karabakh; Nationalism; Armenia; Azerbaijan; Benedict Anderson

## 1 Introdução

Após a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991, uma série de conflitos passaram a eclodir em territórios antes pertencentes ao governo soviético ou sob sua influência. Uma das regiões que marcou essa conjuntura é o chamado Cáucaso, uma região ao sul da Rússia, entre o Mar Negro e o Mar Cáspio. Nessa região, localizam-se grupos étnicos separatistas como os chechenos e os daguestaneses (mais ao norte do Cáucaso) e alguns países, como a Geórgia, a Armênia e o Azerbaijão, sendo estes dois últimos focos do escopo do presente artigo.

Deve-se compreender, portanto, que o Cáucaso explicita a instabilidade que marcou uma multiplicidade de territórios após o fim da Guerra Fria e a ruptura da União Soviética. Neste sentido, observa-se que a questão étnica fica evidente ao se analisar os conflitos que se desdobraram com o tempo. Isto é, a projeção de poder soviético sobre os referidos territórios pressionava a convivência entre os diferentes grupos, impedindo um conflito propriamente dito e fomentando, indiretamente, a convivência entre as diferenças e o compartilhamento de territórios comuns entre etnias distintas (KOLSTO; BLAKKISRUD, 2008). Isso se torna muito evidente no caso de Armênia e Azerbaijão no que se refere ao território de Nagorno-Karabakh (NK), como será descrito no decorrer deste artigo.

Os dois grupos – azeris e armênios – disputam o território há mais de um século<sup>1</sup>, com conflitos esporádicos na transição entre os séculos XIX e XX, estendendo-se até os dias atuais. Apesar dos acordos de cessar-fogo e da ausência de escaladas violentas por significativos anos, a instabilidade é uma característica das relações entre os países, desembocando em incertezas sobre uma possibilidade de paz e, principalmente, de um consenso ou acordo sobre a questão de Nagorno-Karabakh.

Tendo tais aspectos em vista, o presente artigo tem como objetivos, primeiramente a compreensão do fenômeno do nacionalismo como um fator de grande impacto no conflito, bem como as formas pelas quais ele se difunde entre as partes. Posteriormente, observar como esse nacionalismo se expressa atualmente e, conseqüentemente, quais os delineamentos enfrentados nas hostilidades em torno do território de Nagorno-Karabakh (ou República de Artsakh, como será visto doravante). Deve-se destacar que o presente artigo não busca o estabelecimento do nacionalismo-étnico como única causa do conflito ou sua variável majoritária; na verdade, entende-se que esse tópico possui uma influência significativa e, juntamente com outras

---

<sup>1</sup> Antes mesmo da composição dos grupos enquanto Estados, o que ocorreu apenas em 1917.

questões, merece uma exploração detalhada, visando uma compreensão mais ampla da complexidade do fenômeno. Assim, apesar do foco nessa variável, outras são mencionadas em determinados momentos, mas sem aprofundamento destacado, evitando um recorte muito amplo e, conseqüentemente, uma perda de foco dos objetivos mencionados acerca da especificidade deste elemento. Neste sentido, o foco pretendido centra-se na observação das manifestações nacionalistas das partes na tentativa de estabelecer um aparato justificativo a partir dos elementos históricos, étnicos e culturais para a integração do território de NK.

Ou seja, duas questões são essenciais para sistematização do objetivo proposto no decorrer do texto. A primeira refere-se ao próprio conceito de nacionalismo e seu desenvolvimento histórico na problemática abordada. Enquanto isso, a segunda está relacionada a compreensão de como o fenômeno se manifesta contemporaneamente e, para tanto, exige um entendimento sobre a atualidade do conflito; elementos importantes tanto para avançar os estudos sobre a temática de Nagorno-Karabakh, Armênia e Azerbaijão como para possibilitar um debate amplo sobre novas perspectivas para se entender o conflito ali instaurado.

Neste sentido, aponta-se que o artigo pode servir como fonte de ideias sistematizadas sobre Nagorno-Karabakh e possibilitar o desenvolvimento de novas pesquisas no campo, assim como no aprofundamento acerca do conceito de nacionalismo e suas mais variadas esferas e desdobramentos em outras regiões e Estados do globo, justificando-se, assim, a importância da produção da pesquisa que originou o presente texto. Não se pretende esgotar o tema até pela complexidade e variada gama de elementos a ele atinentes, o que não seria possível no espaço de um breve texto, mas sim uma instigação ao debate.

A partir disso, destaca-se que o método utilizado tem caráter dedutivo, por meio da utilização de uma abordagem qualitativa, buscando-se a interpretação dos conceitos e fenômenos elencados com base na observação de documentos e bibliografias que contribuam para a visão mais ampla do tema e, portanto, fundamentem uma análise assertiva, sistemática e com respaldo metodológico no campo científico das ciências humanas. A articulação entre os conceitos e os elementos empíricos se dá através desse procedimento qualitativo, com um levantamento bibliográfico anterior à pesquisa e, posteriormente, seguindo-se com o processo analítico-interpretativo entre as fontes destacadas anteriormente.

Entre as fontes selecionadas para a pesquisa<sup>2</sup>, salienta-se que o referencial teórico tem como base as contribuições de Benedict Anderson acerca do conceito de nacionalismo, suas

---

<sup>2</sup> A seleção das mesmas se deu em função da própria abordagem metodológica a ser utilizada, além de pautar a busca de artigos, livros e demais referências em plataformas de revistas científicas e bibliotecas digitais a partir de palavras-chave conectadas com o tema e o problema de pesquisa do artigo.

raízes e as formas pelas quais está difundido nas sociedades através do mundo. Desta maneira, o conceito norteia os debates e apontamentos a serem feitos posteriormente, fundamentando a conexão entre o teórico e o empírico.

Sendo assim, o presente artigo se divide, basicamente, além desta introdução, em três partes, com a primeira trazendo aspectos gerais sobre a discussão teórica proposta por Benedict Anderson acerca do complexo fenômeno do nacionalismo. Posteriormente, a segunda parte busca tratar das questões históricas envolvendo os dois países e o território de Nagorno-Karabakh, passando brevemente pelo domínio do território pela União Soviética e, posteriormente, com a dissolução da mesma e a independência dos Estados envolvidos. Por fim, a terceira parte discorre sobre contemporaneidade do conflito, trazendo aspectos analíticos importantes para se entender os desdobramentos possíveis e o papel do nacionalismo para tais perspectivas. As conclusões e referências são apresentadas na sequência desse desenvolvimento proposto.

### *1.1 Benedict Anderson e o nacionalismo como comunidades imaginadas*

Como o próprio Anderson (2008) destaca logo na introdução de sua importante obra, o fenômeno do nacionalismo sempre se colocou como um dos mais complexos de se analisar, principalmente em termos de uma definição estrita e com pouca variabilidade. Correntes e autores distintos buscaram trazer um debate sobre o nacionalismo, como é o caso de Smith (1991) e Hobsbawn (1991). Apesar de haver algumas concordâncias em determinados aspectos, Anderson buscou trazer uma nova visão mais ampla acerca do que de fato era o nacionalismo e, não obstante sua ênfase em um elemento cultural, como se verá a seguir, ele não exclui o papel político do nacionalismo, reverberando como uma certa forma de garantia da unidade social (MARTINS, 2005).

Nesta lógica, compreende-se que o próprio conceito se coloca como de complexa definição, o que faz com que a abordagem de Anderson seja ampla justamente para que não se estabeleça uma fundamentação que cerceie as análises em determinados casos, abrindo a possibilidade de estudos das variantes do nacionalismo. Uma primeira ponderação feita pelo referido autor (2008) destaca que muitos autores apontaram que o nacionalismo chegaria a um “final”, isto é, teria um tempo de vida estabelecido historicamente. Entretanto, ele discorda dessa análise, apontando que cada vez mais a questão nacional se faz presente no “cotidiano” das relações internacionais, citando o exemplo dos grupos chamados de “separatistas” ou

“subnacionais”, visando a construção de um nacionalismo autônomo, com sua própria estrutura, regulação e território (ANDERSON, 2008) – como os catalães, os chechenos, os bascos, entre outros. É por isso que ele aponta que “[...] não se enxerga, nem de longe, o ‘fim da era do nacionalismo’, que por tanto tempo foi profetizado. Na verdade, a condição nacional (*nationness*) é o valor de maior legitimidade universal na vida política de nossos tempos.” (ANDERSON, 2008, p. 28).

A partir de tais aspectos, o autor aponta para a necessidade de se compreender não apenas as expressões atuais do conceito, como também suas raízes históricas, as formas como se desenvolveu e porque possui um certo apelo emocional tão impactante entre os membros da identidade nacional. Para tanto, ele entende que a nação – a partir de uma perspectiva mais vinculada à Antropologia – é uma comunidade política imaginada, sendo, ao mesmo tempo, intrinsecamente limitada e soberana. Cabe destrinchar melhor essas questões com vias a facilitar a interpretação do conceito e, posteriormente, fornecer bases estruturadas para o entendimento do texto à luz da ideia em questão.

Segundo ele, essas comunidades são imaginadas porque todos os membros de uma determinada comunidade – de uma nação, neste caso – possuem um sentimento de unidade, de que estão conectados por um conjunto de questões mesmo que seja impossível que todos conheçam uns aos outros, ou seja, “imagina-se” que haja essa correlação de unidade e comunhão entre eles (ANDERSON, 2008).

Assim, as nações seriam distinguidas pelas formas que são imaginadas, o grau e o alcance dos elementos que caracterizam esse sentimento. Deve-se ponderar aqui, a título de esclarecimento, que a ideia de que o nacionalismo esteja relacionado a ideia de comunidades imaginadas, não quer dizer que seja algo “inexistente” ou uma questão existente unicamente no campo das ideias, mas sim que a essência do sentimento em si, do ideal de pertencimento e comunhão possuem sua origem a partir desse imaginário comum e coletivo, que se desenvolve e permite a expansão para outros campos, demonstrando sua complexidade e caráter multifacetado. Neste sentido, conforme Avila e Suppo (2022), compreende-se que o nacionalismo tem como uma de suas faces a etnicidade – em oposição ao nacionalismo cívico, por exemplo<sup>3</sup> -, apontando para uma identificação estendida aos indivíduos a partir dos elementos culturais e étnicos, como a religião, origens históricas, idioma, entre outros. Assim, há um fator de identificação ainda mais intenso do que unicamente a expressão política em

---

<sup>3</sup> Os autores compreendem o nacionalismo cívico como aquele fundamentado a partir de identificações políticas, com menos impacto das dimensões cultural e étnica.

torno de um Estado: nesta ótica, há um sentimento de coesão ainda mais nítido, em que essas identificações geram o objetivo de uma coesão mais sólida.

Nesta lógica, destarte, há uma construção de identidade – ou imaginação, seguindo a terminologia adotada por Anderson – que conecta a concepção de unidade política a partir dos princípios culturais observados enquanto formadores de uma coesão. Isso se manifesta no caso aqui estudado, em que há a busca pelo estabelecimento de um elo entre os elementos culturais (de base histórica, étnica, entre outras) e a composição do território de Nagorno-Karabakh como integrante de um dos países (Armênia e Azerbaijão), explicitando o apelo nacionalista pelas partes na busca pelo estabelecimento de uma unidade (LOUREIRO; PORTO, 2021), visando o reconhecimento e a validação de tais valores nacionalistas. Tais questões serão aprofundadas doravante.

Posteriormente, uma segunda característica das “nações” destaca o fato de que elas são limitadas pois possuem fronteiras, isto é, limites com relação a outras nações, de modo que “nenhuma delas imagina ter a mesma extensão da humanidade” (ANDERSON, 2008, p. 33). Por fim, ela é soberana pois representa a liberdade conquistada a partir de movimentos que rompiam com os sistemas monárquicos. Como o autor destaca:

Imagina-se a nação *soberana* porque o conceito nasceu na época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico de ordem divina. Amadurecendo numa fase da história humana em que mesmo os adeptos fervorosos de qualquer religião universal se defrontavam inevitavelmente com o *pluralismo* vivo dessas religiões e com o alomorfismo entre as pretensões ontológicas e a extensão territorial de cada credo, as nações sonham em ser livres – e quando estão sob dominação divina, estão sob Sua égide. A garantia e o emblema dessa liberdade é o Estado Soberano (ANDERSON, 2008, p. 34, *grifos do autor*).

Deve-se entender, portanto, que as nações possuem essas três características, sendo imaginadas, soberanas e limitadas. E essa denominação de comunidade, apontada pelo autor, representa bem a ideia que ele objetiva explicitar acerca do que é o nacionalismo, indicando que ele se pauta nessa característica da identidade, de que há um grande companheirismo entre os indivíduos envoltos por esse sentimento de pertencimento, um companheirismo que ultrapassa as desigualdades existentes e quaisquer relações hierárquicas e de poder que existam entre esses mesmos indivíduos. Assim, num grande coletivo nacionalista, a concepção geral é de que todos pertencem da mesma forma, todos estão vinculados aos mesmos valores, memórias e, até mesmo, esquecimentos (ANDERSON, 2008). Esse apontamento retoma o que fora mencionado anteriormente acerca do caso de NK e da utilização do nacionalismo como argumento entre as partes, evidenciando que há uma construção de identidade que influencia as próprias relações entre os grupos e Estados, as quais, de acordo com Suppo e Lessa (2007),

podem desencadear relações diplomáticas positivas ou, por outro lado, conflitos, como ocorre entre Armênia e Azerbaijão.

Destarte, partir dos aspectos supracitados, enfatiza-se que Benedict Anderson acredita que as comunidades imaginadas nacionais não tiveram sua origem – em termos culturais, pois é nessa esfera que a expressão do pertencimento e da ideia de unidade geral dos indivíduos se manifesta de forma mais latente, conforme sustentado anteriormente – a partir de ideologias políticas, manipulando os grupos componentes de determinada sociedade. Mas, na verdade, essas mesmas ideologias utilizaram dos elementos culturais para propagação mais sólida e bem sucedida de seus princípios. Ou seja, o nacionalismo não vem especificamente delas, mas é utilizado por elas.

E de onde vem esse conjunto de aspectos imaginados? Vem de um conjunto de elementos históricos, um grande cruzamento de contextos e conjunturas que se desdobraram e permitiram a formação do complexo sentimento. Muitos, cabe destacar, possuem sua base nos elementos culturais de determinados grupos que já possuíam uma ligação intensa pelas próprias expressões culturais e religiosas, isto é, a etnia, formando o que Barbashin (2008) chama de etno-nacionalismo. Ou seja, a comunidade imaginada pela população em questão possui as raízes de seu pertencimento e do companheirismo em elementos mais profundos e, assim, objetivam algo mais além da própria existência: a possibilidade de serem reconhecidos e garantirem aquilo que Anderson menciona como garantidor da liberdade – a nação (principalmente por meio do Estado).

É justamente nessa correlação de fatores que reside a problemática maior envolvendo as partes em Nagorno-Karabakh, uma vez que a população possui uma grande maioria de armênios, vinculados culturalmente à Armênia, mas encontram-se inseridos no território do Azerbaijão e sob sua influência tanto política quanto cultural e assim o foi por décadas de existência da União Soviética e continua até os dias de hoje. Há, inclusive, elementos que indicam a existência de uma identidade específica entre os próprios habitantes da região, o que teria motivado o referendo de independência em 1991. Contudo, os elementos que moldaram esse sentimento de identificação não serão abordados profundamente aqui pois desviaria o foco apontado na introdução, uma vez que o artigo busca compreender como o nacionalismo, enquanto fenômeno, possui uma incidência significativa nos conflitos entre Armênia e

Azerbaijão pelo território de NK, de maneira a suscitarem aspectos de cunho nacional para as ações desencadeantes das hostilidades<sup>4</sup>.

O que se deve compreender, portanto, é que um grupo que historicamente esteve vinculado a um grande império – o Otomano – e possuía uma etnia bem definida e, conseqüentemente, um agrupamento harmônico entre eles, passa a buscar a sua autonomia em termos de nação, vinculando uma concepção de liberdade, não havendo mais o domínio dos azeris sobre seu território e sobre a unidade étnico-nacional de seus indivíduos. Essas questões ficam mais claras na seção seguinte, em que se traça um panorama histórico, e, por conseguinte, entende-se como o fator étnico, em termos do nacionalismo, expressa-se através do tempo e fundamenta parcela significativa das hostilidades entre as partes.

## **2 Um breve panorama histórico de Nagorno-Karabakh: do fim do Império Otomano até a instabilidade atual**

Uma questão importante para se compreender tanto as questões históricas do conflito quanto seus desdobramentos através da história é a análise da localização geográfica da região e dos sujeitos envolvidos, permitindo observar não apenas a proximidade territorial entre eles, mas algumas variáveis geopolíticas que, juntamente com outros aspectos sociais e políticos, fundamentam as relações conflituosas entre as partes. Como destacado na introdução, Armênia e Azerbaijão – Estados envolvidos diretamente na questão de Nagorno-Karabakh – encontram-se na região conhecida como Cáucaso, ao sul da Rússia e Nordeste da Turquia, como se pode observar pelas imagens 1 e 2.

---

<sup>4</sup> Logicamente, a formação e construção do nacionalismo em ascensão dentro da própria comunidade habitante de Nagorno-Karabakh (ou República de Artsakh, nome que caracteriza a região após a autoproclamação de independência) pode se constituir como um rico objeto de estudo em trabalhos futuros, inclusive na tentativa de compreender caminhos para a participação da população de Artsakh nos debates envolvendo as hostilidades na região.



**Imagem 1: localização geográfica da Armênia**



Fonte: ONU

**Imagem 2: localização geográfica do Azerbaijão**



Fonte: ONU

Até a Primeira Guerra Mundial, eram territórios que faziam parte do Império Otomano, o qual fragmentou-se naquela conjuntura, levando-os a adquirir seus próprios territórios

independentes<sup>5</sup>, processo que desembocou de um longo conflito, o qual resultou no chamado Genocídio Armênio, que tirou a vida de mais de 1 milhão de armênios (SIMÃO, 2010; LOUREIRO, 2007). Essa independência evidenciou as disputas pelo território de Nagorno-Karabakh entre Armênia e Azerbaijão, de modo que clamavam para si o controle do território em termos de legalidade e vínculo. Entretanto, esse caráter independente de ambos durou pouco a partir da retomada do controle do Cáucaso por parte da Rússia, agora União Soviética e controlada pelos revolucionários de 1917. Assim, em 1923, os Estados foram anexados à URSS e o território de Karabakh foi definido como um *oblast* soviético – uma espécie de província administrativa<sup>6</sup> adotada pela URSS – dentro do território do Azerbaijão, fomentando o descontentamento armênio (KOLSTO; BLAKKISRUD, 2008).

Esse cenário arrastou-se através do tempo enquanto a União Soviética detinha o controle sobre a região do Cáucaso, o que não impedia que tensões existissem entre armênios, azeris e a população de NK. A presença das tropas e do poder soviético sobre a região era o que impedia a escalada violenta do conflito, uma vez que se reprimia a insurgência e a eclosão de disputas com vias a garantir a unidade da URSS (CHORBAJIAN, 2001). Essa questão é mencionada por Benedict Anderson no caso dos Balcãs, de modo que, na sua obra original de 1983, sugere que a presença do Exército Vermelho era o que garantia a integridade das relações entre os grupos, mesmo com hostilidades latentes, alertando para um possível conflito generalizado entre eles – o que, de fato, viria a acontecer nos anos 1990, levando à dissolução da Iugoslávia.

Deve-se compreender, portanto, que apesar de não haver nenhuma guerra generalizada entre as partes, os desentendimentos e os embates mantinham certa frequência, de forma mais velada, o que se dava pelo controle soviético (FARACE *et al*, 2017). Destaca-se, ainda, que essa animosidade entre armênios e azeris não decorria apenas pelas diferenças étnicas, mas também por questões políticas intrínsecas ao domínio territorial, ao controle de aspectos de ordem econômica, importantes em NK, além dos próprios elementos geopolíticos, a exemplo

---

<sup>5</sup> Deve-se ponderar, todavia, que os países já possuíam uma certa delimitação geográfica e étnica mesmo sob a projeção de poder do Império Otomano, de maneira que o território de Nagorno Karabakh era controlado pela aristocracia armênia, o que se reduziu parcialmente com a ascensão do Império Russo sobre a região do Cáucaso a partir de 1805, perdurando até o final do mesmo, no decorrer da Primeira Guerra, o que fomentou as disputas entre Armênia e Azerbaijão pela área. Assim, deve-se compreender que o território, apesar de majoritariamente controlado pelos otomanos, estava sob disputa por parte do Império Russo, o que se evidencia pela anexação da região à União Soviética pós-Revolução.

<sup>6</sup> Essas províncias gozavam de uma certa autonomia administrativa, o que vai ao encontro da ideia mencionada anteriormente de que uma parte da população da região de Nagorno Karabakh, apesar de reconhecer suas origens a partir da etnicidade armênia, possuem uma identidade um pouco diferente, baseada na própria experiência histórica do território através do tempo – fomentando a própria discussão sobre a independência que dura até os dias de hoje, apesar de não haver reconhecimento (situação que não exclui, cabe ressaltar, a maior afinidade, por assim dizer, com a Armênia, até mesmo por questões de dependência em termos econômicos e de fornecimento e abastecimento) (SIMÃO, 2010).

das rotas comerciais que podem ser traçadas pelo território, bem como grandes reservas pouco exploradas de gás natural e petróleo (NOGUEIRA, 2006). Isto é, todas essas problemáticas não existem separadamente, elas se entrelaçam e criam uma teia complexa de interesses e valores que colocam a rivalidade e a hostilidade como bases das relações.

Perdurando por quase toda a existência da União Soviética, as tensões entre armênios e azeris passaram a ficar mais latentes na segunda metade da década de 1980, com a gradual decadência econômico-política da URSS. Assim, os controles e projeções de poder nas extensões do território foram reduzidos, abrindo espaços para a escalada de violência e possibilidades de generalizações de conflito (BERG; MÖLDER, 2012). Isso viria a acontecer em 1991, quando se decretou, de forma oficial, a dissolução soviética, levando a um dos estopins das hostilidades, qual seja a realização de um referendo com a população de Nagorno-Karabakh declarando seu interesse em se tornar independente do Azerbaijão. Estabeleceu-se, neste processo, uma das bases para o território se considerar autônomo, sob o nome de República de Artsakh, o que não é reconhecido por nenhum país do mundo, nem mesmo pela Armênia<sup>7</sup>.

Neste sentido, não houve uma declaração formal de guerra, mas um longo e delicado conflito se desencadeou entre Armênia e Azerbaijão entre 1991 e 1994, tendo como base o domínio sobre o território de Nagorno-Karabakh, o qual estava, como definido pelo *oblast* soviético, inserido no território do Azerbaijão, ao mesmo tempo que os armênios declaravam que o território era parte da herança étnico-cultural da Armênia<sup>8</sup>, com origem e povoamento católico historicamente<sup>9</sup> (FARACE *et al*, 2017).

A violência do conflito chamou a atenção não apenas de líderes e população dos dois países envolvidos, mas da comunidade regional e internacional, de maneira que resultou em um

---

<sup>7</sup> Essa questão explicita a complexidade do conflito, de maneira que a população de Nagorno-Karabakh se constitui majoritariamente de indivíduos de origem étnica armênia, mas que buscam a autonomia, visando a construção de uma nação própria, com identidade própria (SIMÃO, 2010), enquanto a Armênia busca o domínio sobre o território pela mesma questão, envolvendo um conjunto de elementos culturais, étnicos e históricos, além, claro, do que já se mencionou em termos de política, geopolítica e economia. Isto é, a região tem valor estratégico além do cultural para a Armênia.

<sup>8</sup> Uma questão importante destacada por Berg e Mölder (2012) refere-se à composição populacional de Nagorno-Karabakh antes e depois do desmembramento da União Soviética, de maneira que em 1987 (quando se reduz a projeção da URSS sobre a região), era composta por cerca de 74% de armênios, 24% de azeris e o restante por parte de outros grupos étnicos. Enquanto isso, em 2005, a população armênia representava cerca de 99% da população de Nagorno-Karabakh.

<sup>9</sup> Pondera-se, entretanto, que há alguns argumentos de origem azeri que apontam para um vínculo histórico-cultural entre o território de NK e o Azerbaijão, principalmente alegando que as construções de igrejas católicas na localidade foram efetivadas por ancestrais dos primeiros turcos na região, apontando-os como primeiros habitantes da região (NOGUEIRA, 2006).

elevado número de mortes e de refugiados, além de colocar em risco a estabilidade da região e, assim, afetando as esferas política, econômica e social dos demais vizinhos (NOGUEIRA, 2006). Sem um acordo definitivo sobre a região, um tratado de cessar-fogo foi assinado em 1994 com intermédio da Rússia. A partir disso, o contexto manteve-se marcado pela instabilidade, com dificuldades para a construção de uma paz definitiva e, conseqüentemente, de uma resolução sobre o próprio território, o que se dá, em partes, pela pouca abertura para a negociação direta com representantes de Artsakh, uma vez que nenhum reconhecimento oficial sobre sua autonomia foi feito. Ou seja, não há consenso entre as partes. A ONU, em 2008, inclusive, apontou a importância da integridade territorial do Azerbaijão, estabelecendo que Nagorno Karabakh fazia parte do mesmo, o que levou ao descontentamento armênio (SIMÃO, 2010).

Observa-se, portanto, que a relação conflituosa entre Armênia e Azerbaijão no que se refere ao território de Nagorno Karabakh é muito antiga, passando por distintos períodos históricos e com variadas intensidades. Com a finalização do conflito e ampliação da complexidade em torno da situação, com a busca pela autonomia de Karabakh, reconhecimento das Nações Unidas do pertencimento ao Azerbaijão e os apontamentos armênios com base – majoritariamente – histórico-cultural em torno do território, entende-se que a complexidade é uma característica marcante da região; elemento que se desdobra até os dias de hoje, como será apontado na seção seguinte, permitindo o entendimento sobre como essa questão étnica-nacional se desenrola e influencia o conflito e as instabilidades.

### **3 A atualidade do conflito: a influência do nacionalismo e perspectivas em torno da instabilidade regional**

Após o fim do conflito em larga escala mencionado anteriormente, em 1994, a delimitação territorial ficou ainda mais complexificada, de modo que, apesar do reconhecimento mais amplo de que o território de NK pertence ao Azerbaijão, tropas armênias passaram a dominar uma parte do território azeri. Assim, permitiu-se, por parte dos armênios, uma conexão melhor com Karabakh, o qual possui seu território completamente inserido no Azerbaijão, sem fronteiras com a Armênia. A imagem 3 mostra a configuração dessas fronteiras e já ilustra a parcela do território azeri sob controle de tropas armênias.

**Imagem 3:** as fronteiras de Nagorno Karabakh e a presença armênia em território azeri



Fonte: WikiMedia

A título de exposição dos dados observados no mapa, em marrom consta o território oficial de Nagorno Karabakh, enquanto a parte amarela mostra a parte do território do Azerbaijão sob controle de tropas armênicas, visando tanto a garantia do controle do território e das fronteiras, como também estabelecer uma espécie de ligação com Karabakh, favorecendo o fornecimento e o abastecimento de itens essenciais ou que caracterizam as necessidades básicas dos indivíduos – principalmente ao se levar em conta os impactos do conflito em larga escala (CHORBAJIAN, 2001). Além disso, a rota supramencionada tinha um papel significativo na relação mútua em termos econômicos e estratégicos entre NK e a Armênia.

Soma-se a isso o fato de a população de origem armênia de Nagorno Karabakh, sendo majoritária, conforme destacado anteriormente, e não possuindo sua autonomia reconhecida pelo Azerbaijão, sentir-se excluída e alvo constante de xenofobia, o que reforçava significativamente a busca pela autodeterminação e, conseqüentemente, o fortalecimento do sentimento nacional presente no território (CORNELL, 2002).

Durante as duas primeiras décadas do século XXI, o elemento marcante da relação entre as partes foi a instabilidade, a qual pairou na região do Cáucaso com um constante alarme para possibilidades de novas escaladas ou ações de violência. As negociações pouco avançavam nesse período pela dificuldade tanto em se aceitar um acordo de paz definitivo (visto que o cessar-fogo é tido como algo relativamente frágil e temporário, naquilo que Kant (1989) chamava de reserva de motivo futuro). Isto é, a incerteza colocou-se como um marco da região,

com ambos os lados mantendo suas tropas em posição, garantindo a segurança das fronteiras e constantemente clamando o domínio sobre a área referente a Nagorno-Karabakh (ARMENIA-AZERBAIJAN: WHY DID, 2020).

Após diversos anos de instabilidade, provocações e pequenas atuações de cunho militar, em 2016 algumas incursões passaram a ocorrer com maior frequência, levando a violações de fronteiras e baixas tanto militares quanto civis (OLIVEIRA, 2021). As tensões obtiveram uma escalada em 2020, ocasionando um conflito de maior amplitude, deixando milhares de mortos nos entornos de Nagorno-Karabakh, principalmente a partir da ação azeri em direção ao território, visando o controle das principais cidades. Como destaca Oliveira (2021), esse momento do conflito ficou marcado pela utilização de artilharia de elevada complexidade, como drones e mísseis, demonstrando a força das partes envolvidas e a incessante busca pela posse do território.

Em 9 de novembro do mesmo ano, um cessar-fogo foi assinado, mas recepcionado de formas distintas pelas populações, sendo festejado pelos azeris e contestado pelos armênios, levando a uma invasão do parlamento que pedia a renúncia do Primeiro-Ministro Nikol Pashinyan, uma vez que o acordo assinado cedia um certo controle do território ao Azerbaijão, garantindo a integridade territorial deste (PROTESTERS STORM, 2020). Assim, as críticas por parte dos armênios possuíam maior fundamento em relação aos elos histórico, cultural e nacional (em função da proposta de incorporação à Armênia), rejeitando a possibilidade de domínio azeri em NK, o qual seria uma forma de apagamento dessas ligações supracitadas (CORNELL 2002; OLIVEIRA, 2021).

Isso não exclui, por outro lado, os apontamentos azeris de que Karabakh possui um vínculo histórico com o Azerbaijão, até mesmo tendo sido influenciado pela cultura do país no último século (estando inserido geograficamente nas fronteiras azeris). Isto é, apesar de haver uma latente preocupação do Azerbaijão em termos de soberania territorial – elemento mais vinculado aos aspectos geopolíticos propriamente ditos –, observa-se também a apresentação de um viés nacional para Nagorno-Karabakh com relação aos azeris. Um exemplo muito claro desse discurso se evidencia no caso da cidade de Aghdam, localizada em NK e com maioria populacional azeri – o que se refletia no aspecto histórico-cultural e arquitetônico da cidade – que sofreu de forma intensa com a guerra nos anos 1990, muito em função de sua localização estratégica (LOUREIRO; PORTO, 2021). Assim, o governo do Azerbaijão pondera que a destruição causada na cidade foi mais intensa do que necessitava ser, indicando que os armênios pretendiam apagar a memória azeri de NK. Cria-se, neste sentido, a busca pelo elo da

identificação nacionalista, com elementos culturais sendo valorizados e correlacionados com o país.

Ou seja, ambas partes reivindicam a legitimidade sobre o território a partir de alguns argumentos de bases nacionais, isto é, a partir de algum modelo de identificação coletiva. De um lado, a reivindicação armênia tem por base central a identidade étnica no território de Nagorno-Karabakh, sendo fundamentalmente composto por armênios e descendentes, além da presença histórica desses grupos na região, estabelecendo raízes e um processo de coesão cultural. Enquanto isso, os apontamentos azeris estão voltados tanto para um argumento de soberania fronteiriça (uma vez que NK se insere completamente no território do país) quanto para uma abordagem histórica que demonstra a influência do Azerbaijão na formação cultural e histórica da região de Karabakh, sendo este segundo ponto um apelo mais aproximado da definição de identidade nacionalista, apesar da Armênia dispor de um elemento étnico e cultural mais evidente, conforme suscitado no presente artigo.

Essas abordagens de cunho identitário e nacional, de acordo com o que se busca elucidar, visam uma justificação das ações tomadas em torno da região de Nagorno-Karabakh (LOUREIRO; PORTO, 2021), além de demonstrarem a complexidade da própria composição de uma nação e do movimento rumo o processo de identificação coletiva do seu povo. Assim, o conflito, que ganha delineamentos de escalada nos últimos anos, parece residir, dentre outros fatores de cunho estratégico-econômico, em um debate sem vencedor, em que ambos Estados envolvidos compõem uma participação em termos históricos e culturais na configuração do território de NK, o que sustenta, pelas vias justificativas suscitadas anteriormente, a continuidade dos impasses e, conseqüentemente, das hostilidades recorrentes.

Neste imbróglio, as maiores perdas ocorreram por parte da população de Nagorno-Karabakh, os quais, além de não participarem de forma mais incisiva nas negociações por negativas das outras partes, foram as principais vítimas dos novos conflitos que se desdobraram em 2020. Ou seja, a busca por autonomia permanece entre os habitantes da região, de modo que a própria Armênia não a reconhece e, de certa forma, dá continuidade ao conflito ao buscar a anexação do território e sua projeção sobre ele – com envolvimento das questões étnicas, mas também a partir de interesses geopolíticos e econômicos, como já apontado. Isso se evidencia pelo fato de a maior parte dos veículos e sujeitos internacionais considerarem Nagorno-Karabakh como separatista em relação ao Azerbaijão, mas não em busca de anexação à Armênia e sim buscando sua autonomia (UMUT, 2012).

Atualmente, o conflito mantém seu impasse uma vez que, em 2021, novos conflitos eclodiram e levaram a maiores deslocamentos e baixas civis, preocupando não apenas os líderes, mas toda a comunidade internacional (ARMÊNIA E AZERBAIJÃO, 2021). Ambos os lados se acusam, de maneira que os armênios acusam os azeris de perpetrarem os ataques militares, enquanto estes apontam que aqueles efetuaram provocações constantes que levaram às conflitualidades. Entretanto, a organização Anistia Internacional aponta que ambos os países cometeram crimes de guerra e não buscam soluções para o conflito, apenas mantendo a escalada e violando os acordos de cessar-fogo com certa frequência (ARMENIA ANNOUNCES, 2021).

Enquanto isso, a população de Nagorno-Karabakh se vê cada vez mais dependente do apoio internacional em torno das mediações em busca da paz e de acordos mais consistentes, tendo em vista a pouca voz nos debates oficiais. Mantém-se, todavia, o desejo pela autonomia e, conseqüentemente, a construção de uma nação que possa exercer sua liberdade, nos termos que Anderson (2008) aponta, ou seja, por meio de um Estado. Assim, haveria a união do aparelho estatal necessário para a condução das atividades comuns como sujeito de soberania no sistema internacional com a questão da identificação dos indivíduos a partir do compartilhamento de valores comuns, questões históricas e elementos de expressão culturais que atribuem o caráter de unidade, de companheirismo, como elencado na primeira seção.

Essa visão é de complexa aplicação, como se pode ver, tendo em vista a participação ativa e constante dos Estados da Armênia e do Azerbaijão em termos conflituosos, colocando seus interesses sobre os da população local, o que dificulta a construção de um Estado. Mas, por sua vez, a nação é um elemento factível e característico desses grupos de Nagorno-Karabakh, o que se expressa pela criação de bandeira, de governos locais e de modelos de administração autônomos, ou seja, demonstram a idealização de sua população como membros de uma mesma identidade, com vias a angariar um *status* de liberdade, designando seus próprios caminhos em termos domésticos e internacionais.

#### **4 Considerações Finais**

Como mencionado na seção anterior, o conflito segue caracterizado pelas incertezas e instabilidades, mesmo com as perspectivas de novos acordos de cessar-fogo (ARMÊNIA E AZERBAIJÃO, 2022). Destarte, estes tratados já demonstraram fragilidade nas vezes em que novos conflitos desembocaram na região de Nagorno-Karabakh, submetendo sua população a dificuldades de larga escala. Assim, uma primeira observação a ser feita é de que há pouca perspectiva de que o imbróglio entre Armênia e Azerbaijão – que disputam a posse do território,



bem como o controle sobre o mesmo, sob diferentes argumentos e interesses mencionados no decorrer do presente texto – parece distante de acabar, uma vez que sempre haverá insatisfação de uma das partes, como ocorreu a partir do cessar-fogo de novembro de 2020.

Enquanto isso, uma outra questão merece destaque, tendo uma relação maior com o conceito analisado de forma mais enfática, qual seja o do nacionalismo. O sentimento nacional, primeiramente, deu uma certa especificidade para o conflito, inicialmente partindo do ponto de vista unicamente de armênios e azeris – de maneira que aqueles possuíam maior apelo étnico-cultural quanto ao território – e, posteriormente, envolvendo um sentimento mais voltado para a população específica de NK, que anseia pela autonomia e construção de sua própria nação a partir de um Estado soberano. Assim, esse tipo de identidade que forma um amálgama social norteia uma parcela significativa das questões centrais do conflito, sendo ela mesma centro de disputa.

Assim, o nacionalismo como descrito conduz parte não apenas das ações, mas dos discursos que balizam os debates e visam a justificativa das ações tomadas frente aos conflitos. E, mais importante, apesar de ser de difícil previsão – ao menos em curto e médio prazo – que haja uma solução simples para as hostilidades e, ainda mais, da possibilidade de construção de uma nação autônoma em Nagorno-Karabakh, deve-se entender que a variável do nacionalismo deve ser levada em conta não apenas para realização de análises acerca do tema, mas na busca por soluções palpáveis, uma vez que essa questão traz um sentimento que, como Anderson (2008) destaca, mobiliza a população em prol de uma unidade que coloca a nação como centro de interesses, como valor a ser protegido.

Neste sentido, é possível observar que os apelos ao nacionalismo e à conseqüente identidade entre os indivíduos são elementos que não apenas circunscrevem as conflitualidades como, também, são basilares das mensagens que as partes envolvidas transmitem internacionalmente na busca de legitimar e angariar apoio e reconhecimento de outros Estados e comunidades. A complexidade da disputa em torno de Nagorno-Karabakh reside tanto na problemática interna quanto na atuação de sujeitos internacionais com interesses diversos na região. Por esta perspectiva, por conseguinte, entende-se que o nacionalismo – tanto pelo lado armênio quanto pelo lado azeri – são determinantes em diversas esferas da problemática envolvida, desde as causas mais enraizadas até a baixa perspectiva de solução breve da violência no Cáucaso.

É primordial considerar, ainda, o fato de o nacionalismo não apresentar uma única característica em sua composição. Conforme destacado na primeira seção do presente artigo,

Anderson (2008) observa que há algumas características gerais – imaginárias, limitadas e soberanas –, mas, ao mesmo tempo, há aspectos que são particulares de cada processo de identidade entre os indivíduos que levam à consciência de um pertencimento. Avila e Suppo (2022) apontam, por exemplo, para a existência de um tipo de nacionalismo vinculado ao caráter étnico e cultural, o que se aproximaria do caso armênio. Por outro lado, a composição histórica de Nagorno-Karabakh por indivíduos de origem azeri não pode ser descartada como um aprofundamento de influência e apego cultural e histórico com o território e seus significados.

Destarte, armênios entendem que o território faz parte de sua própria construção como nação, em função dos vínculos históricos que existem. Enquanto isso, os azeris apreendem que seu território faz parte de sua construção histórica como autônomos e soberanos, o que também evoca um sentimento de necessidade de proteção e valorização – tanto que após a “derrota” na guerra de 1994, houve um grande sentimento de “vergonha nacional” (OLIVEIRA, 2021), somado a uma ideia de apagamento de elementos de sua cultura que foram evocados pelos azeris, conforme destacam Loureiro e Porto (2021) no caso dos massacres e da destruição dos patrimônios em determinadas cidades, a exemplo de Aghdam. Ainda, a população de Artsakh desenvolveu esse sentimento como um resultado pelo histórico de disputas que propiciou uma vivência histórica e identitária específica, norteando o sentimento pela autonomia e desígnios de um futuro de liberdade, como Estado-nação e, assim, enaltecendo a unidade como nação.

Por fim, compreende-se que não se pode falar do conflito em Nagorno-Karabakh sem mencionar o elemento “nacionalismo” como uma de suas variáveis fundamentais, originárias e de continuidade, ou seja, é um conceito intrínseco às questões mais vitais para a instabilidade que se estabeleceu na região. Entende-se, nesta lógica, que o conceito é tão complexo e vasto quanto suas próprias repercussões, tanto interna quanto externamente, mobilizando a construção de imagens, significados e identificações profundas com povo, história e territórios.

## Referências

ARMENIA-AZERBAIJAN: WHY DID NAGORNO-KARABAKH SPARKS A CONFLICT?. *BBC News*, 12 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-54324772>.

ARMENIA ANNOUNCES CEASEFIRE AFTER AZERBAIJAN BORDER CLASHES. *Aljazeera News*, 16 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/11/16/armenia-azerbaijan-say-clashes-erupt-at-border>.

ARMENIA, AZERBAIJAN GEAR UP FOR NAGORNO-KARABAKH PEACE TALKS. *Aljazeera News*, 7 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/4/7/armenia-azerbaijan-gear-up-for-nagorno-karabakh-peace-talks>.

ARMÊNIA E AZERBAIJÃO CONCORDAM COM CONVERSAS DE PAZ EM MEIO A NOVAS TENSÕES EM NAGORNO KARABAKH. *O Globo*, 06 e abril de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/armenia-azerbaijao-concordam-com-conversas-de-paz-em-meio-novas-tensoes-em-nagorno-karabakh-25465611>.

ARMÊNIA E AZERBAIJÃO TRAVAM NOVOS CONFLITOS NA FRONTEIRA. *GI Notícias*, 16 de novembro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/11/16/armenia-e-azerbaijao-travam-novos-confrontos-na-fronteira.ghtml>.

AVILA, Carlos Federico Domínguez; SUPPO, Hugo Rogélio. O neonacionalismo e a extrema-direita na Europa: reflexões desde as margens. *Mural Internacional*, v. 13, jan./dez. 2022, pp. 1-13. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/muralinternacional/article/view/71066/44220>.

AZERBAIJÃO E ARMÊNIA ASSINAM ACORDO PARA ENCERRAR CONFLITO NA FRONTEIRA. *GI Notícias*, 10 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwivg9f6tOL3AhXtpUChRtIDqUQFnoECAYQAQ&url=https%3A%2F%2Fg1.globo.com%2Fmundo%2Fnoticia%2F2020%2F11%2F10%2Fazerbaijao-e-armenia-assinam-acordo-para-encerrar-combates-na-fronteira.ghtml&usg=AOvVaw16dV-VIY7EdQLLGxcHwUzE>.

BERG, Eiki; MÖLDER, Martin. Who is entitled to ‘earn sovereignty’? Legitimacy and regime support in Abkhazia and Nagorno-Karabakh. *Nations and Nationalism*, v. 18, n. 3, abr. 2012, pp. 1-19. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1469-8129.2011.00527.x>.

CHORBAJIAN, Levon. *The making-off Nagorno-Karabakh: from secession to republic*. New York: Palgrave, 2001.

CONNELL, Svante E. Autonomy as a source of conflict: Caucasian Conflicts in Theoretical Perspective. *World Politics*, v. 54, n. 2, jan. 2002, pp. 245-276. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/world-politics/article/abs/autonomy-as-a-source-of-conflict-caucasian-conflicts-in-theoretical-perspective/5573E2CB6665547B98244E8BCD83468B>.

FARACE, Gabriel *et al.* As intervenções russas no conflito entre Armênia e Azerbaijão. *Fronteira*, v. 16, n. 31, set. 2017, pp. 28-51. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/download/12796/12270/0>.

KANT, Immanuel. *À paz perpétua*. Porto Alegre: L&PM, 1989.

KOLSTO, Pal; BLAKKISRUD, Helge. Living with Non-recognition: State- and Nation-building in South Caucasian Quasi-states. *Europa-Asia Studies*, v. 60, n. 3, abr. 2008, pp. 483-509. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09668130801948158?casa\\_token=vcVNA-rOdL0AAAAA%3A65x81jP1aHPQZxX58\\_SlCoGZNS-QkAU4LIWcpfrivCSqUf\\_nnLRPKJ5M\\_KwypY8YKSVbOfnKA4UyNg](https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09668130801948158?casa_token=vcVNA-rOdL0AAAAA%3A65x81jP1aHPQZxX58_SlCoGZNS-QkAU4LIWcpfrivCSqUf_nnLRPKJ5M_KwypY8YKSVbOfnKA4UyNg).

LOUREIRO, Heitor; PORTO, Pedro Bogossian. A guerra de Nagorno-Karabakh: as disputas em torno dos conceitos de ‘vítima’ e ‘genocídio’ no tempo presente. *Revista Tempo e Argumento*, v. 13, n. 32, abr. 2021, pp. 1-37. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313322021e0111/12888>.

LOUREIRO, Heitor de Andrade Carvalho. Considerações Sobre a Abordagem da Mídia Brasileira ao Genocídio Armênio. *Revista Ética e Filosofia Política*, v. 1, n. 10, 2007, pp. 1-16. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/view/17844>.

MARTINS, Monica Dias. Benedict Anderson: um inquieto observador de estrelas. *Tensões Mundiais*, v. 1, n. 1, 2005, pp. 9-15. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/issue/view/80>.

NAGORNO-KARABAKH: Armenia, Azerbaijan ‘violated laws of war’. *Aljazeera News*, 14 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/1/14/amensty-international-law-violated-in-nagorno-karabakh-conflict>.

NOGUEIRA, Carolina Dantas. O Conflito em Nagorno-Karabakh. *Conjuntura Internacional PUC Minas*, v. 3, n. 3, fev. 2006, pp. 1-4. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/view/7312/6355>.

OLIVEIRA, Victor Mariottini. Um Delicado Xadrez no Cáucaso: Implicações do Acordo de Cessar-Fogo entre Armênia e Azerbaijão. *Observatório Cosmopolita*, 2 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.cosmopolita.org/post/um-delicado-xadrez-no-c%C3%A1ucaso-implica%C3%A7%C3%B5es-do-acordo-de-cessar-fogo-entre-arm%C3%AAnia-e-azerbaj%C3%A3o>.

ONU. *Imagem 1*: Localização Geográfica da Armênia. Disponível em: <https://www.un.org/geospatial/mapsgeo/generalmaps/armenia>.

ONU. *Imagem 2*: Localização Geográfica do Azerbaijão. Disponível em: <https://www.un.org/geospatial/mapsgeo/generalmaps/azerbaijan>.

PROTESTERS STORM ARMENIAN PARLIAMENT IN ANGER OVER NAGORNO-KARABAKH DEAL. *RFL/EL Armenian Service*, 10 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/protesters-storm-armenian-parliament/30940248.html>.

SIMÃO, Lucínia. *Engaging Civil Society in the Nagorno Karabakh Conflict: What Role for the EU and its Neighbourhood Policy?*. Brighton: MICROCON Policy Working Paper 11, 2010.

SUPPO, Hugo R.; LESSA, Mônica Leite. O estudo da dimensão cultural nas Relações Internacionais: contribuições teóricas e metodológicas. In: LESSA, Monica Leite; GONÇALVES, Williams da Silva (org.). *História das relações internacionais: teorias e processos*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2007. Capítulo 7, pp. 223-250.

UMUT, Uzer. Nagorno-Karabakh in Regional and World Politics: A Case Study for Nationalism, Realism and Ethnic Conflict. *Journal of Muslim Minority Affairs*, v. 32, n.2, jul. 2012, pp. 245-252. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13602004.2012.694668?casa\\_token=Nata12phw1kAAAAA%3A69cvn6oVQh7TCgzAUyyorPnyHNdzsSpGHh9G-bEQvLFD0XO2ISNEKrNpUTOOPP\\_UQv3JRO2Le9fxlQ](https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13602004.2012.694668?casa_token=Nata12phw1kAAAAA%3A69cvn6oVQh7TCgzAUyyorPnyHNdzsSpGHh9G-bEQvLFD0XO2ISNEKrNpUTOOPP_UQv3JRO2Le9fxlQ).

WIKIMEDIA. *Imagem 3*: as fronteiras de Nagorno Karabakh e a presença armênia em território azeri. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/nagorno-karabakh-entre-armenia-e-azerbaijao/>.

**Recebido em 15 de maio de 2022.**

**Aceito para publicação em 20 de abril de 2023.**